

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

Figura RJ.1 - Número acumulado de óbitos e óbitos per capita no Rio de Janeiro e nos outros sete estados pesquisados

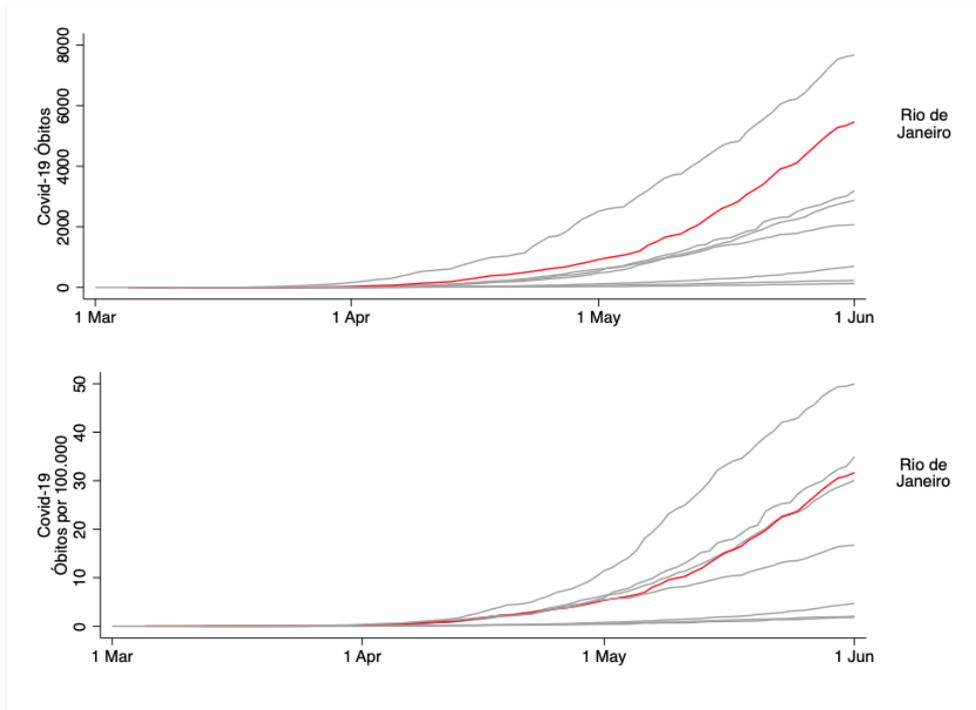
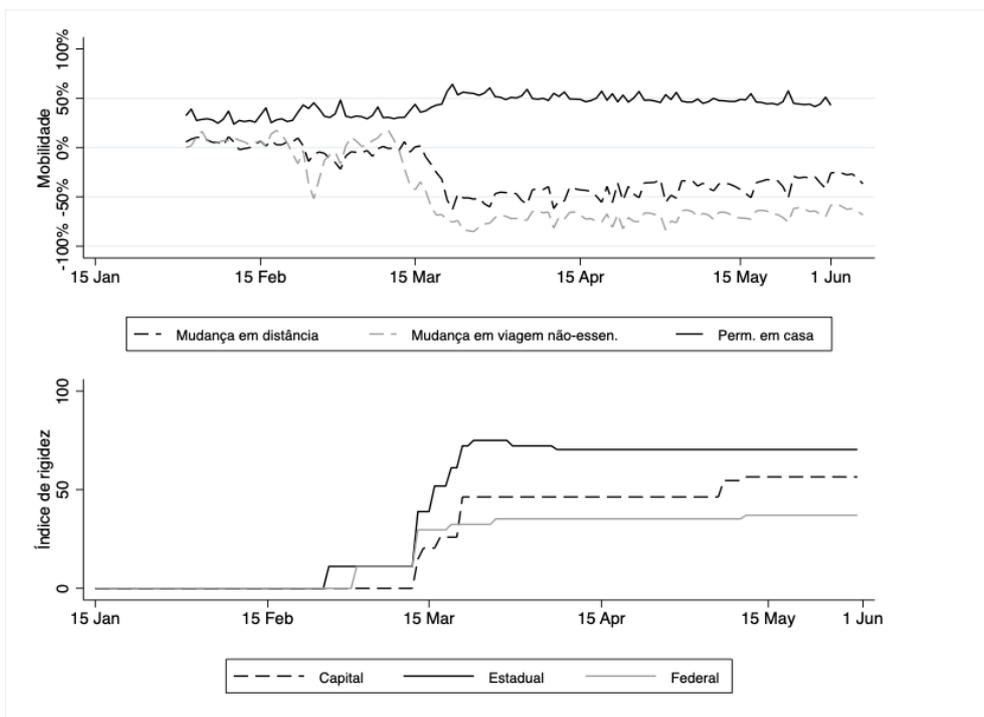


Figura RJ.2 - Indicadores de mobilidade para o Rio de Janeiro e índice OxCGRT de rigidez para diferentes níveis de governo



Respostas dos governos estadual e municipal

Em 26 de fevereiro, no mesmo dia em que o primeiro caso do Covid-19 foi confirmado no Brasil, as páginas oficiais do governo do estado do Rio de Janeiro e da Secretaria de Saúde nas redes sociais anunciaram que não havia casos confirmados no Rio e que o governo do estado já tinha um plano de contingência. O primeiro caso no estado foi confirmado alguns dias depois, em 5 de março. As duas primeiras mortes ocorreram em 19 de março. Desde então, os números aumentaram rapidamente e havia 460,9 casos e 44,4 mortes por 100.000 habitantes registrados no estado em 15 de junho.

Em meados de março, o governo do estado lançou um site dedicado oficial com informações públicas sobre o vírus. Ainda em março, o governo da cidade do Rio de Janeiro, capital do estado de mesmo nome, lançou a campanha "Rio Contra o Corona", também com um site dedicado.

Reconhecendo a necessidade de adoção de ações para enfrentar o novo coronavírus, em 13 de março o governo estadual publicou um decreto com o primeiro conjunto de medidas: suspendendo aulas em escolas e universidades, e cancelando eventos e atividades com presença de público (tais como shows, feiras, e eventos esportivos). Em 16 de março, o governo do estado declarou situação de emergência pública, e recomendou o fechamento de academias, bares, restaurantes, cinemas e atrações turísticas em todo o estado. A partir de 19 de março, estabelecimentos comerciais e de serviços não essenciais, incluindo shopping centres, foram obrigados a fechar as portas para o público, mas bares e restaurantes foram autorizados a continuar operando com até 30% da capacidade, e lojas para a venda de alimentos e bebidas, incluindo açougues e lojas de conveniência, puderam continuar abertas para entrega e retirada de produtos. Três dias depois, o governador fechou as fronteiras do estado e suspendeu os ônibus interurbanos. Essas políticas foram postas em prática por 15 dias, mas foram estendidas várias vezes e permaneceram em vigor até 5 de junho.

O governo do estado também introduziu verificações de temperatura de todos os passageiros que chegavam em voos internacionais no Aeroporto Internacional do Galeão. Não foram implementadas medidas de toque de recolher ou ordens formais de permanência em casa válidas para todo o estado. No entanto, o governo do estado recomendou que a população ficasse em casa o máximo possível e evitasse ir às praias ou visitar rios e lagoas.

Em 13 de março, o prefeito da cidade do Rio de Janeiro recomendou que indivíduos que fizessem parte dos grupos risco ficassem em casa, e esse conselho foi posteriormente estendido a todos os habitantes da cidade. O governo da cidade seguiu a política do estado, cancelando eventos e exigindo que escolas, estabelecimentos comerciais e de serviços fechassem as portas. O prefeito determinou que os ônibus deveriam operar apenas no limite de capacidade de passageiros sentados. Em 23 de abril, o governo municipal publicou um decreto que exigia que as pessoas usassem máscaras fora de casa na cidade do Rio de Janeiro.

Embora a capital não tenha adotado uma medida exigindo que toda a população ficasse em casa, foram introduzidos bloqueios nas ruas em bairros com altas taxas de infecção, incluindo a região de Bangu e Campo Grande.

A partir de 6 de junho, o governo do estado iniciou um processo gradual de flexibilização das medidas de fechamento de estabelecimentos, permitindo que shopping centers, bares, restaurantes e atrações turísticas (incluindo o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar) reabrissem ao público em horários reduzidos e respeitando o limite de metade de sua capacidade. As organizações religiosas foram autorizadas a funcionar novamente, e as praias, parques e lagos foram reabertos para a prática de exercício físico. Para poderem reabrir, estabelecimentos de todos os tipos precisam garantir distância mínima de um metro entre as pessoas dentro de suas instalações, disponibilizar álcool em gel, e exigir que todos os funcionários e clientes usem máscaras o tempo todo. Escolas e alguns locais de trabalho (incluindo cinemas, academias e teatros), no entanto, permanecem fechados até pelo menos 21 de junho.

Resultados da pesquisa no Rio de Janeiro

A cidade do Rio de Janeiro possui 6,7 milhões de habitantes, com 15% da população acima de 60 anos de idade. O IDH é de 0,799, tornando-a a 8ª capital brasileira mais desenvolvida do país (de 27).

Apenas 12% das pessoas entrevistadas no Rio de Janeiro ficaram em casa sem sair por duas semanas no período entre 22 de abril e 13 de maio. Aquelas que saíram de casa o fizeram, em média, menos do que uma vez a cada três dias (ou em 4,6 dias, em média, durante a quinzena). Mais de três quartos das pessoas no Rio (78%) saíram para atividades essenciais, como idas ao supermercado, à farmácia ou ao banco. Pouco menos de um quarto (24%) saiu de casa para ir trabalhar (comparado a 67% que saíam para trabalhar regularmente em fevereiro). As pessoas que saíram de casa durante esse período estimaram que 75% das outras pessoas que viram nas ruas estavam usando máscaras. No Rio, 6% das pessoas disseram terem sido testadas e 1% afirmou ter tentado fazer o teste sem sucesso. Onze por cento da amostra relatou ter tido pelo menos um sintoma de Covid-19 na semana anterior à entrevista.

As pessoas entrevistadas que visitaram hospitais e supermercados durante a quinzena anterior à entrevista relataram facilidade para lavarem as mãos com sabão ou gel em álcool, caso desejassem, que funcionários desses locais usavam máscaras, e que medidas foram tomadas para garantir que as pessoas permanecessem a dois metros de distância umas das outras (por exemplo, enquanto estavam na fila ou aguardavam em uma sala de espera). As pessoas que saíram para trabalhar no Rio disseram que as medidas de distanciamento eram menos difundidas nos locais de trabalho: 62% delas disseram que tais medidas foram introduzidas nos locais em que trabalham. Um quarto dos entrevistados usou transporte público nas duas semanas anteriores à entrevista, enquanto 34% afirmaram terem usado transporte público em fevereiro. Apenas 16% das pessoas disseram que a redução dos serviços de transporte público impediu-as de realizar as atividades pretendidas.

O conhecimento sobre os sintomas do Covid-19 entre os moradores do Rio foi semelhante à média das oito cidades pesquisadas. O índice médio para as pessoas entrevistadas no Rio foi de 83 em 100. O conhecimento sobre o significado e as práticas associadas ao auto-isolamento foi, em média, 48 em 100, o que é um pouco mais alto do que a média

das oito cidades (veja uma explicação desses índices na seção reportando os resultados principais).

As principais fontes de informação sobre o Covid-19 para residentes do Rio de Janeiro foram os noticiários de TV (60% dos cariocas disseram que receberam a maior parte de suas informações dessa fonte) e jornais e sites de jornais (18%). Sessenta e um por cento das pessoas disseram terem assistido a campanhas de informação pública, sendo que 82% relataram terem visto na TV, 33% em jornais, 33% no Facebook ou Twitter, 27% em blogs e 24% no WhatsApp. Mais da metade daqueles que viram uma campanha de informação pública (52%) declararam ter visto uma campanha do governo estadual, 46% relataram terem visto uma campanha do governo federal, e 34% uma campanha do governo da cidade.

Cerca de 49% dos entrevistados no Rio disseram que sua renda havia diminuído desde fevereiro e um terço (30%) disse que havia perdido pelo menos metade de sua renda. Seis por cento da amostra disse ter perdido toda a renda desde fevereiro.

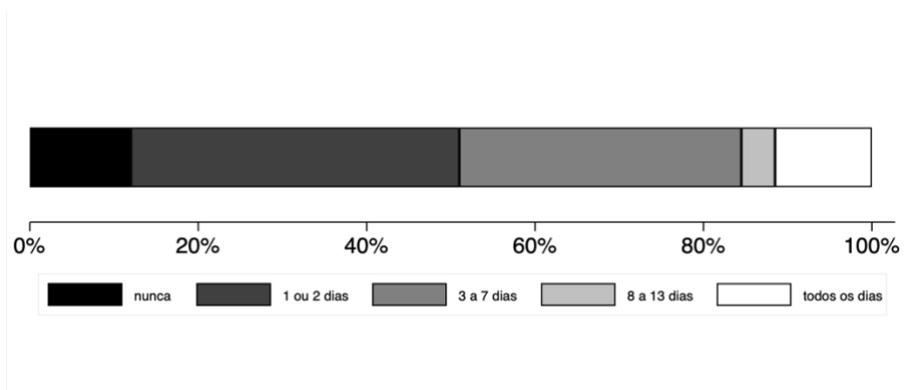
Os entrevistados no Rio não estavam confiantes de que o sistema público de saúde esteja pronto para lidar com o surto do vírus. Apenas 16% das pessoas relataram acreditar que o sistema de saúde em sua região esteja bem preparado (9%) ou muito bem preparado (7%) para a pandemia. Oitenta e seis por cento das pessoas disseram estarem preocupadas (11%) ou muito preocupadas (75%) com a escassez de equipamentos médicos, leitos hospitalares ou médicos.

A grande maioria da amostra do Rio (81%) considera o Covid-19 mais grave do que a gripe comum. No momento da pesquisa, havia apetite por políticas mais rigorosas de resposta à pandemia: as respostas do governo ao Covid-19 eram consideradas adequadas por apenas 41% dos entrevistados, enquanto 51% as consideravam menos rigorosas do que o necessário. Apenas 9% acreditavam que as medidas eram muito rigorosas. O tempo médio que as pessoas no Rio estimam que levará para que todas as medidas sejam flexibilizadas é 4,4 meses, um pouco abaixo da média nas oito cidades pesquisadas (4,6 meses). Apenas 14% das pessoas entrevistadas no Rio acreditavam que todas as medidas seriam removidas de uma só vez.

Este resumo é parte de um estudo mais abrangente sobre as respostas governamentais ao Covid-19 no Brasil. Acesse <https://www.bsg.ox.ac.uk/research/research-projects/brazils-covid-19-policy-response> para o relatório completo: Petherick A., Goldszmidt R., Kira B. e L. Barberia. 'As medidas governamentais adotadas em resposta ao Covid-19 no Brasil atendem aos critérios da OMS para flexibilização de restrições?' Blavatnik School of Government Working Paper, Junho 2020.

Figura RJ.3 - Distanciamento social, conhecimento e testes na cidade do Rio de Janeiro

A. Número de dias em que pessoas entrevistadas saíram de casa nas últimas duas semanas



B. Teste, conhecimento, uso de máscara e razões para sair de casa

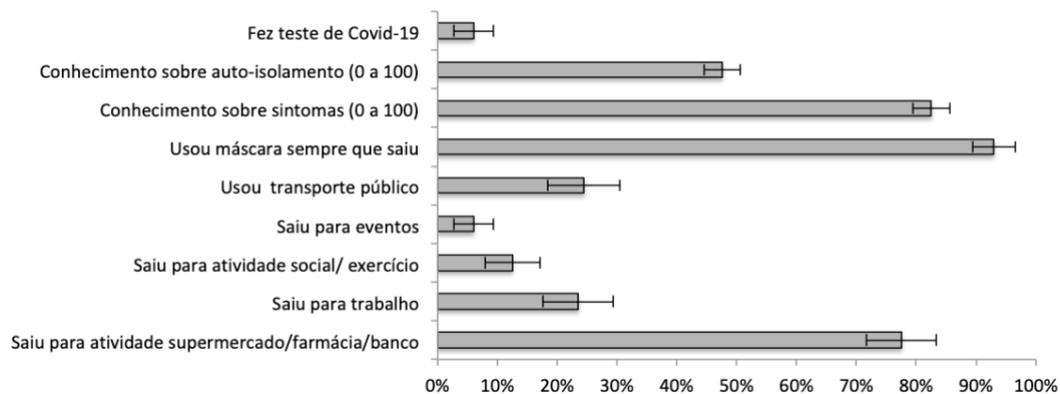


Figura RJ.4 - Higiene das mãos, distanciamento e uso de máscaras

